

Religião X Ciência

Sandro Blasi Espósito*

O movimento religioso profundo de nossa época parece-me caracterizado pela aparição (na consciência humana) do Universo, percebido como um Todo natural mais nobre do que o Homem, e, portanto, para o Homem, equivalente a um Deus (finito ou não). A figura desse Deus é confusa ainda. Mais do que ele mesmo é sua aurora que vemos brilhar, do lado para onde vão a Vida, a Verdade, o Espírito. Mas seu brilho é indubitável...(E ao mesmo tempo...) homens cada vez mais numerosos deverão confessar ao pregador que o cristianismo lhes parece invencivelmente inumano e inferior, tanto em suas promessas de felicidade individual, como em suas máximas de renúncia. “Vosso Evangelho, já dizem, leva a fazer almas interessadas em suas vantagens egoístas, - desinteressadas do trabalho comum; ele não é, portanto, interessante para nós...” “Cristão e Humano” tendem a não mais coincidir. Eis o grande cisma que ameaça a Igreja! *Teilhard de Chardin (Notas para servir à evangelização dos tempos novos)*.

No assunto em questão ainda repercutem as idéias de um jesuíta morto há quase meio século e injustamente esquecido. Teilhard de Chardin (1881-1955) geólogo e paleontólogo francês é um dos grandes pensadores cristãos, renegados pela própria Igreja, que tratou de silenciar sua voz quando Chardin defendeu que a Teoria Darwinista da evolução nada

tinha de agnóstica. Para ele, ser parente de macacos não faz do homem nem mais nem menos divino que um largato australiano ou uma pompa belga. Era apenas o primeiro estágio do projeto de Deus para a evolução humana. Deus estaria dirigindo a evolução do homem para uma “noosfera”. O conceito é um pouco complexo, mas, fundamentalmente, seria a comunhão de todas as mentes humanas por meio de uma comunicação espiritual e uma pequena ajuda da tecnologia avançada.

A polêmica na sala de aula:

No dia primeiro de agosto deste ano, o presidente americano George W. Bush anunciou no Texas que todas as escolas públicas do país deveriam ensinar a teoria do “Design Inteligente” (DI) nas salas de ciência, paralelamente ao evolucionismo de Darwin, apresentado ao mundo em 1859, na obra “A origem das espécies”. Trata-se de um movimento perigoso, que pode mudar o foco na sala de aula das ciências para a religião. Quem sustenta essa idéia tem encontrado resistência de cientistas, para quem DI não passa de uma forma de colocar religião no caminho da ciência. Robert Schwartz no editorial do *The New England Journal of Medicine (Teaching Pseudoscience by Mandate)*, deste mês, sugere que a aquiescência com este movimento anti-ciência poderá influenciar a formação da futura geração de médicos.

Duas questões: células tronco embrionárias e o surgimento do homem voltam a colocar dois dos conceitos mais básicos da raça humana em conflito.

	Teoria da Evolução	Design Inteligente
Obra de referência	“Origem das Espécies” (1858), Charles Darwin	“A caixa preta de Darwin” (1996), Michael Behe
Fundamentos básicos	Pela seleção natural, evidenciada pelo registro fóssil, as condições ambientais selecionam as características que ajudam um organismo na sobrevivência e reprodução, mantendo-as nos descendentes. Mas a evolução só faz sentido quando considerada dentro de um intervalo de tempo de dezenas de milhões de anos.	Para o DI, várias formas de vida surgiram abruptamente por meio de uma interferência inteligente, com suas características já intactas. Os defensores do DI não determinam o quê ou que estaria por trás dessa inteligência, apesar de alguns admitirem que poderia ser Deus ou até seres extraterrestres.

A seguir transcrevo alguns trechos do artigo de George Johnson (Ciência e fé religiosa podem se reconciliar?), jornalista do The New York Times, publicado recentemente pelo Estado de São Paulo:

<<<Foi no segundo dia em Cambridge que a luz se fez na forma de saboroso diálogo entre um zoólogo e um paleontólogo, Richard Dawkins e Simon Conway Morris. O osso da disputa foi um pelo qual os estudiosos vêm rosnando desde os tempos de Tomás de Aquino: se uma compreensão do universo e de suas glórias exige a hipótese de um Deus. Estávamos lá por cortesia da John Templeton Foundation, cuja missão “é buscar novas percepções da fronteira entre teologia e ciência”.

Nas questões científicas, Dawkins, da Universidade de Oxford, e Morris, da de Cambridge, concordam: a riqueza da biosfera, humanidade inclusive, podia ser explicada pela seleção natural. Concordaram também que a evolução não é fortuita. Se a história da Terra pudesse ser reproduzida, o resultado seria um pouco diferente, mas algumas limitações físicas favoreceriam o aparecimento de criaturas como nós, com olhos, orelhas, narizes e cérebros.

Então, a milímetros do acordo total, eles seguiram rumos opostos. Para o ateu Dawkins, o poder criativo da evolução reforçou sua convicção de que vivemos num mundo puramente material. Para o cristão Morris, “a misteriosa habilidade” da natureza para convergir em criaturas morais e adoráveis como nós atestava que a evolução é obra de Deus.

Dawkins ficou intrigado. “Concordamos em quase tudo”, disse. Por que insistir numa divindade? No que toca à ciência, exclamou, o Deus de Morris é “gratuito”. Por brusco que tenha soado, Dawkins marcou um ponto crucial. A ciência é a prática de descobrir explicações físicas sobre o universo. Qualquer elemento espiritual que se introduza é estranho, uma questão de crença pessoal.

Os historiadores vão além para descrever como a ciência se separou de sua crisálida teológica e seguiu seu caminho próprio. O resultado é que o pessoal da Templeton chama de “ciência insípida”. No seminário, Denis Alexander, um imunologista de Cambridge e cristão, fez a sugestão radical de que a ciência reclame suas raízes teístas, tomando como sua premissa mais profunda a existência de Deus.

Para muitos cientistas, porém, explicações sobrenaturais é violação do ofício. Um estudo publicado na revista Nature em 1998 revela que só 7% da elite da Academia Nacional de Ciências dos EUA acreditava em Deus.

“Você pode claramente ser um cientista e ter crenças religiosas”, disse o químico Peter Atkins, de Oxford. “Mas nesse caso não acho que você possa ser um verdadeiro cientista no sentido mais profundo da palavra porque essas categorias de conhecimento são incompatíveis”.>>>

Além da polêmica própria do assunto gostaria de chamar a atenção para algumas causas e valores da visão do cientista ateu.

CAUSAS DO ATEÍSMO:

I. Permanentes: **a)** Deus não é evidente, pois do contrário não haveria ateus (T. de Aquino).

b) A presença do sofrimento humano, própria da condição do homem. (Redução da liberdade humana ao reconhecimento e à aceitação da necessidade da ordem cósmica B. Spinoza).

II. Novas: a explicação cada vez mais racional do universo fornecida pela Ciência. Antigamente, o homem, sentia demais os seus limites. O homem torna-se ateu quando se sente superior a seu Deus.

III. Científicas: A ausência de uma explicação plausível, para diversos fenômenos biológicos no momento, não implica no seu desconhecimento permanente ou uma explicação não científica.

QUALIDADES DO ATEÍSMO:

a) O ateísmo é um sinal de “força espiritual” ou maturidade psicológica.

b) O ateísmo é apaixonado por valores humanos autênticos.

c) Ao ateu o mérito de “desmascarar” Deus; o homem não pode conhecer nada sem representá-lo.

d) Ao ateu o mérito de recusar a hipocrisia.

Ainda nos dias atuais, em nome da religião, cometemos barbáries e todo o tipo de hipocrisia. É evidente o uso de um conceito equivocado da religião, “um deus de supermercado”, para as necessidades diárias do cidadão, oprimido pelo domínio de um sistema econômico que sugere “às pessoas a chance de preencher suas vidas com a ajuda da tecnologia, não disponível para todos”.

É preciso estimular a reflexão médica, protegendo o público da pseudociência e diferenciando fé de conhecimento científico!

Nesse sentido os escritos de Teilhard são uma verdadeira carta para o futuro, vislumbrou, 50 anos antes, o atual impasse educacional.

BIBLIOGRAFIA

1- Arcanjo JL. **Mundo, Homem e Deus. Textos de Teilhard de Chardin selecionados e comentados.** São Paulo; Editora Cultrix, 1978: 58-63.

2- Johnson G. Ciência e fé religiosa podem se reconciliar? **The New York Times**, publicado pelo jornal O Estado de São Paulo em 02/10/05.

3- Schawartz RS. Faith healers and physicians: teaching pseudoscience by mandate. **New Engl J Med** 2005; 353:1437-9.